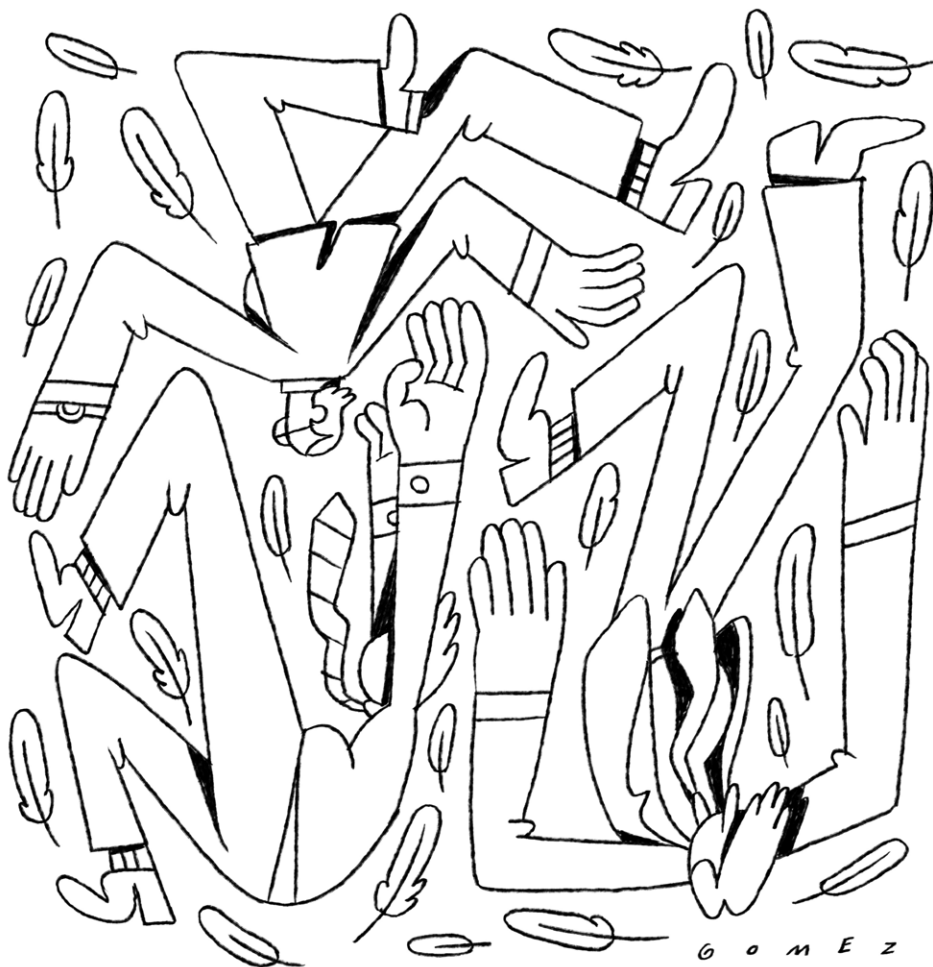


As asas de cera se derreterão no calor da opinião pública

» OTÁVIO SANTANA DO RÊGO BARROS
General de Divisão da Reserva



Antiga expressão “o mundo gira e continuará girando” deixa a sensação de que a repetição de erros é parte da natureza indomável que impõe um destino inevitável aos homens. Não quero provocar discussão política ou filosófica sobre o determinismo histórico, mas tentar corroborar as máximas que asseveram ser inteligente olhar o passado para desfrutar o futuro.

Esta semana, reli a obra de Oliveira Lima, *O Império brasileiro* (Avis Rara, 2021), e me delicieei com o mundo girando, revelando como somos o passado no presente. O livro captou o período imperial pelo olhar do observador postado ao final conflitivo daquele século e destacou o relacionamento do Império com instituições, ideias e elementos sociais.

Como estamos imersos em uma temporada de agitações políticas, econômicas, militares e psicossociais, muitas das informações formuladas por Oliveira Lima parecem nos vestir, sociedade brasileira, com justeza. Ao tratar das relações entre a coroa e os partidos políticos, iluminou a hipocrisia das agremiações e revelou a infidelidade sem rubor na busca de manter-se acomodado ao lado do poder.

Disse Oliveira: “Em certas democracias acontece, por vezes, notar-se ausência de partidos políticos”. Na fotografia de agora, desbotada como se nada houvesse mudado, esses agrupamentos não se desgastam para representar opiniões e aspirações, doutrinas e tradições, ao contrário, se transformaram em simples agregados de clãs patrimonialistas, organizados para a exploração em comum das benesses do poder.

Eles sabem que as condições sociais do país, cujo povo é por vezes destituído de conhecimento político — e não pode mesmo possuí-lo, pois sem educação maciça jamais o alcançará —, proporciona as ciladas eleitorais, facilmente dissimuláveis, a cada nova ronda pelo voto.

Afirmou o historiador: “O detentor do poder galga posição com a ajuda dos esforços de um grupo ou das intrigas de uma facção [...] uma vez instalado e dispondo dos favores e graças ao Estado, a unanimidade tende a formar-se ao redor dele”.

Observe o preenchimento dos cargos valiosos de nossa República do século 21 e logo identificará os camaleões profissionais que nunca estão fora do poder. Recitam com veemência, para jamais se olvidarem: o rei morreu, viva o rei! E seguem na corte.

Quando abordou o papel das assembleias, Oliveira Lima destacou o imperativo de que elas deviam se manter dentro dos próprios limites, quando seriam a defesa mais eficaz

dos direitos do cidadão e o maior obstáculo à aparição da tirania. Dom Pedro II era um homem reconhecidamente liberal, ainda assim o desconforto da autocracia se fazia presente.

O autor reafirmou a teoria de Montesquieu sobre os limites e separação dos poderes do Estado, e a simples e eficaz regra dos freios e contrapesos. Proposição nunca fora de moda, mesmo passados mais de dois séculos.

Estamos desequilibrados no Brasil neste momento. As liturgias geradoras do respeito entre Poderes se perderam pelo caminho. Seus agentes se desqualificam por egos inflados. As asas de ceras com as quais esses personagens esperam chegar ao Sol, logo se derreterão pelo aquecimento da opinião pública. Como Ícaro, cairão no mar e feneceirão afogados no descrédito da população.

Quando tratou do movimento abolicionista, afirmou que as Forças Armadas emprestaram o prestígio das suas fardas à causa, enquanto, sem se aperceberem, foram enodoadas perigosamente com cores políticas. Quase 130 anos depois, lideranças de causas justas e injustas continuam tentando

tragar as Forças Armadas ao centro da peleja política, para auferirem vantagens da honorabilidade da farda. Como naquele momento crucial do Império, o estamento militar precisa buscar medalhas de honra e isenção, bordadas com valores e tradições. Estou certo de que o farão.

Afiançou a decência do Imperador Pedro II: “Não fosse tão honesto, poderia angariar com favores, dedicações interesseiras entre os chefes militares e indispor-los, uns contra outros, pela inveja daqueles favores”. Não se deve usar de sinecuras, ainda que legais, para corromper corporações que servem ao Estado, atizar seus membros uns contra os outros e obter benefícios pessoais ou poder extralegal para decidir. Se o fazem, os senhores próceres da nossa República atentam primeiro contra a sociedade.

Oliveira Lima trouxe muitos outros enfoques. Desde então, o mundo continuou girando. Instigantes e atuais, suas teses serviriam de manuais aos nossos gestores para conduzir o país. Se vão lê-las, não sei. Independentes dos condottieres, esperemos que a roda, girando inexoravelmente, nos leve por rumos menos desalentadores. Paz e bem!

A evolução da responsabilidade

» RUY ALTENFELDER

Advogado, é presidente da Academia Paulista de Letras Jurídicas

» CLAUDIA BUZZETTE CALAIS

Diretora-executiva da Fundação Bunge

Muitos acreditam que o ESG é uma espécie de “moda” e, por isso mesmo, algo passageiro. A tese é sedutora, especialmente quando levamos em conta que a sigla (Environmental, Social e Governance, no original em inglês) é a bola da vez no universo corporativo, alardeada por empresas dos mais diferentes ramos em suas peças de comunicação. No entanto, um olhar mais atento para a história das iniciativas empresariais de caráter social mostra que não é o caso.

A agenda ESG veio para ficar porque representa um estágio novo, mais sofisticado, na maneira como o mercado e a própria sociedade compreendem o papel da iniciativa privada enquanto co-responsável pelo bem-estar das comunidades impactadas por suas atividades. Não se trata, portanto, de modismo, mas de novo capítulo em uma história tão antiga quanto o próprio capitalismo moderno.

Os primeiros registros de empresários que doaram quantias para instituições filantrópicas, tipicamente geridas por entidades religiosas, ou que fundaram as próprias instituições remontam ao século 19. São figuras como o suíço Henry Dunant, fundador da Cruz Vermelha, ou Andrew Carnegie, magnata do aço nos Estados Unidos que se tornou um patrono das artes e da cultura.

A filantropia desempenha até hoje papel fundamental nas crises humanitárias, conforme demonstrado pela pandemia. Porém,

do ponto de vista das empresas, ações filantrópicas por vezes se limitam à entrega de bens ou recursos para uma causa social — o dar o peixe. A busca por ações mais estruturadas levou ao surgimento, na metade do século passado, da noção de Responsabilidade Social Corporativa (RSC).

A RSC, que chegou efetivamente ao Brasil na década de 1990, pressupõe um envolvimento maior das empresas nas causas sociais, com a construção e gestão de centros educacionais, eventos culturais e artísticos, projetos de capacitação profissional e muito mais. A lógica da doação é substituída por uma lógica de engajamento, o ensinar a pescar. O próximo passo nessa evolução seria a incorporação do conceito de sustentabilidade ao rol de preocupações sociais das companhias.

A noção de desenvolvimento sustentável está assentada sobre um tripé, contemplando aspectos ambientais, sociais e financeiros. Um negócio só pode ser considerado sustentável se cumprir cada um desses três objetivos. Essa foi a tendência predominante no início deste século, com a crescente conscientização da sociedade a respeito de temas como as mudanças climáticas.

Como o ESG se encaixa nessa linha evolutiva? De certa forma, representa um desenvolvimento mais recente do tripé da sustentabilidade, incorporando a noção de governança corporativa às preocupações sociais de uma empresa. Logo, não basta que uma

companhia cuide do impacto social e ambiental de suas atividades: ela precisa estar atenta ao próprio modelo de gestão, tornando-se, ela própria, uma promotora de avanços sociais.

Não basta que uma empresa evite impactar negativamente o mundo; ela precisa assumir um papel ativo na promoção de valores como a diversidade, a igualdade de oportunidades e o combate às injustiças.

O ESG também ampliou a participação dos cidadãos e sofisticou mecanismos de accountability. As grandes agências mundiais de classificação de crédito, por exemplo, utilizam hoje critérios de ESG para orientar os investidores. É o caso da Moody's, PGlobal, que incorporou empresas como a Sustainalytics, especializadas nesse tipo de análise. Até 2025, estima-se que o mercado de classificações ESG vai valer cerca de US\$ 500 milhões.

ESG, portanto, não é moda, mas uma maneira mais complexa, adaptada ao nosso tempo, de lidar com uma questão antiga: qual é a responsabilidade social de uma empresa? Da filantropia ao ESG, o que vemos é um avanço cumulativo, com a incorporação de novos desafios e novas temáticas.

Como o conhecimento e a consciência humana estão em constante evolução, essa trajetória vai continuar. Uma coisa é certa: quando a próxima sigla ou conceito surgir, as empresas que tiverem assimilado a noção de ESG estarão mais preparadas para o próximo salto qualitativo nessa história das relações entre a iniciativa privada e o setor social.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

O poder de fogo da caneta

Se, por detrás de cada palavra, isoladamente, esconde-se um mundo infinito de interpretações, que dirá de frases inteiras ou mesmo de discursos. A insistência dos políticos em fazerem discursos intercalados de parábolas, quer para fugir do efeito direto da verdade dos fatos, quer para não dizer o que dizem, não apenas confunde os interlocutores, como deixam uma série de interrogações soltas no ar. Deixam as parábolas com Jesus, porque Ele, sim, sabia do que estava falando e para quem falava.

Foi justamente esse modo apropriado de analogia que fizeram dos ensinamentos de Cristo um modelo que se perpetua até aos dias de hoje. O perigo em discursos feitos de improviso, quando o cérebro tem que trabalhar mais rápido do que a língua, é que muitos dos boquirrotos que infestam o mundo da política nacional, acabam entregando de bandeja o que pensam realmente sobre determinado assunto, bastando para o ouvinte atento uma leitura mais acurada do que estão falando.

Por certo, o mais fácil paciente num divã de psicanálise é o político profissional, bastando ao especialista fazer uma leitura de cada palavra escondida, trocando-lhes o sentido. Parafrazeando Millôr Fernandes, como são éticos e sábios os políticos que não conhecemos. Pesado na balança da honestidade, nada do que dizem vale um pataco. O pior é que, mesmo com toda essa mímica verbal, o que esses personagens políticos anunciam acaba por interferir negativamente na vida de cada um. É preciso, pois, ficar atento ao que dizem e não deixar passar nada. Caso contrário, corre-se um risco grande.

Nesse sentido e tendo como pressuposto o que acaba de dizer o ministro Edson Fachim, presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que, quer queira ou não, também adentrou no mundo pantomímico da política, juntamente com seus pares, é preciso analisar com cuidado sua afirmação: “quem cuida das eleições são as forças desarmadas”.

Primeiro, quando diz que não quer mandar recado, o que pretende é justamente o contrário, mandar um aviso a todos aqueles que buscam colocar interrogações, pertinentes ou não, ao sistema eletrônico de votação. Essa não é uma discussão encerrada e nem será enquanto personagens da política, nesse caso, de toga, insistirem em falar por parábolas. Ora, que forças desarmadas seriam essas, ao qual o ministro se refere?

Para uns, poderiam ser as forças desarmadas de bom senso. Ou desarmadas do devido recato que o cargo requer. Ou pior ainda, seriam essas forças desarmadas as mesmas que cuidaram de desarmar todo o volumoso e custoso processo da Lava-Jato? É preciso lembrar ao ministro, indicado por Dilma Rousseff em 2015, que a caneta, capaz de fazer “descondenar” um criminoso, é muito mais poderosa e mortífera.

» A frase que foi pronunciada

É bom ficarmos atentos, porque esse exemplo da pandemia mostrou que, “em nome da segurança abrimos mão da nossa liberdade, aceitamos pacificamente a dominação.”

Emília Soares dos Santos

Arte

» Que iniciativa enriquecedora. Com o apoio do Sebrae, a secretária de Educação, Héliana Paranaçu, e Alice Simão, diretora da Kingdom School, homenageiam o artista plástico Carlos Bracher. Quase 100 alunos cegos ou surdos participaram da oficina “Arte e Cores”, pintando com Bracher dois quadros. Um, em homenagem aos 200 anos da Independência do Brasil e, outro, hoje, em homenagem aos 62 anos de Brasília. Às 19h, na QI 11, Entrequadras 2 e 4, área especial B, no Lago Sul. A presença deve ser confirmada no número 996431828.

Alegria alegria

» Hoje, começa o 7º Festival de Teatro de Bonecos do Gama, com presença internacional de Chile, Argentina, Peru, Uruguai e regiões brasileiras. Veja no *Blog do Ari Cunha* detalhes das apresentações.

Etarismo

» Com autoria de Candice Pomi, Cléa Klouri, Juliana Seidl, Marco Antonio Vieira Souto, Maria Sanches, Ricardo Pessoa, Ricardo Mucci e Viviane Palladino, o Movimento Atualiza! convida a comunidade a visitar o guia de Boas Práticas de Combate ao Etarismo. Basta buscar na internet, digitando o seguinte: bit.ly/guiaatualiza.

» História de Brasília

É uma deformação completa da planta daquelas casas, que cada dia é mais mutilada. (Publicada em 01.03.1962)